

Perdas no comércio e na indústria

Arenda em queda e o aumento do desemprego fizeram os resultados do comércio varejista despencarem no período de 1996 a 2001. Com o menor poder de consumo do brasileiro, o setor sofreu uma redução de 11,7% em seu faturamento, de acordo com pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A perda foi correspondente a R\$ 24 bilhões. A receita líquida encolheu para R\$ 182,5 bilhões em 2001 depois de registrar R\$ 206,6 bilhões em 1996. Um dos responsáveis pela pesquisa, Roberto Saldanha, pondera que em 1996 o país vivia o auge do Plano Real e havia um consumo aquecido.

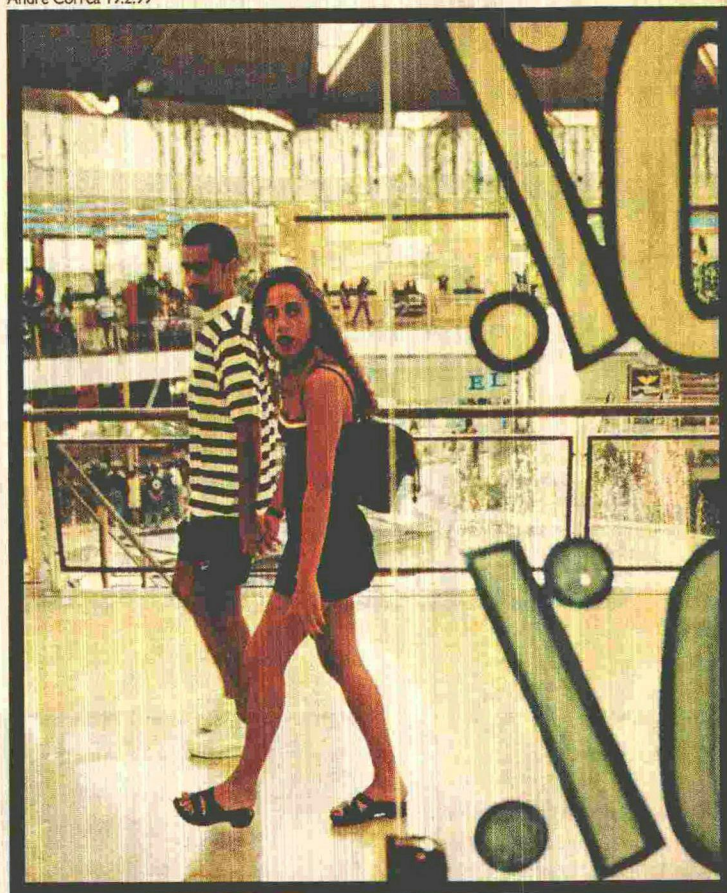
As vendas nas lojas de departamento, eletrodomésticos e móveis foram as mais afetadas pela retração do consumo interno. Formado por produtos menos essenciais e sensíveis às condições de crédito, o segmento apresentou retração de 39,44% no faturamento do período.

Apesar da queda de faturamento, o setor varejista aumen-

tou o número de postos de trabalho no período em 22,1%. Foram abertas 764 mil vagas no país. Entretanto, isso ocorreu com a redução do salário. De 1996 a 2001, o salário médio do comércio varejista encolheu 13,8%. O número de empresas atingiu 1,08 milhão em 2001, o correspondente a um crescimento de 20,2% desde 1996.

Marcha à ré

A produção industrial brasileira recuou 4,2%, em média, no mês de abril. Houve queda em nove das doze regiões pesquisadas pelo IBGE. Na comparação com abril de 2002, as reduções mais significativas foram observadas em Santa Catarina (-10,0%), Pernambuco (-7,7%), Minas Gerais (6,6%), Ceará (-5,5%) e São Paulo (-5,3%). Também apresentaram recuo na produção a região Sul (3,5%), Paraná (-2,5%), Nordeste (-1,9%) e Rio de Janeiro (-0,2%). Apenas Espírito Santo (17,6%), Bahia (6,5%) e Rio Grande do Sul (0,9%) elevaram a produção neste tipo de comparação.



POUCOS CONSUMIDORES: LOJAS DE DEPARTAMENTOS PERDERAM VENDAS

O IBGE justifica os resultados negativos com o menor número de dias úteis em abril deste ano. No mesmo mês de 2002, houve dois dias úteis a mais. No entanto, o quadro de juros altos, desemprego recorde e queda na renda do trabalhador também contribuíram para diminuir o consumo e, como consequência, para a redução da produção industrial.

No indicador acumulado no ano, a indústria do Espírito San-

to, com expansão de 21,8%, continua na liderança do desempenho regional, impulsionada pelos aumentos registrados nos setores extrativo mineral (56%) e de papel e papelão (53,8%). Em seguida, vêm as indústrias do Paraná (3,9%) e do Rio Grande do Sul (3,1%), fortemente influenciadas pelo desempenho favorável do setor mecânico, com destaque para o aumento na produção de máquinas e equipamentos agrícolas.